



XVIII Congresso Internacional de Custos
XXX Congresso Brasileiro de Custos

15 a 17 de novembro de 2023
Natal / RN / Brasil



Grandes bancos possuem menores custos? A estrutura de custos e despesas do setor bancário brasileiro.

Cristiano Augusto Forti (UFU) - crforti@gmail.com

Valeriana Cunha (UFU) - valeriana@ufu.br

Arthur Antonio Silva Rosa (UFU) - arthurasr@hotmail.com

Resumo:

O entendimento da estrutura interna de custos, a análise comparativa com a concorrência e o reconhecimento das implicações desse tópico no desempenho organizacional e nas decisões são elementos cruciais em qualquer empresa. Este estudo direciona seu foco para bancos, que desempenham um papel crucial no sistema financeiro nacional. O objetivo primordial da pesquisa é avaliar a composição dos custos e despesas das instituições bancárias em análise, explorando as possíveis correlações entre essa estrutura e os indicadores de desempenho, bem como os ganhos potenciais de escala devido ao tamanho. As demonstrações contábeis dos 60 principais bancos do Brasil no período de 2014 a 2020 foram extraídas da base de dados IFT do Banco Central. A análise estatística baseou-se na aplicação de regressão de dados em painel com efeitos fixos. Dentro da amostra examinada, constatou-se que, em média, os custos fixos representaram 83,78% dos custos totais, enquanto os custos variáveis corresponderam a 16,22% do montante total. A ordenação com base no retorno sobre o patrimônio líquido não revelou vantagens claras para os bancos com maior proporção de custos fixos ou aqueles com uma menor incidência desses custos, sugerindo que esse fator não é determinante na rentabilidade bancária. Ademais, não foram identificadas relações significativas entre o tamanho dos bancos e a estrutura dos custos e despesas, indicando que, neste contexto, não se evidenciam benefícios de escala para as instituições maiores. É relevante enfatizar que este estudo possui natureza exploratória, requerendo abordagens mais detalhadas e análises aprofundadas para um entendimento mais robusto do tema.

Palavras-chave: *Estrutura de Custo. Custos e Despesas. Bancos.*

Área temática: *Custos como ferramenta para o planejamento, controle e apoio a decisões*

Grandes bancos possuem menores custos? A estrutura de custos e despesas do setor bancário brasileiro.

RESUMO

O entendimento da estrutura interna de custos, a análise comparativa com a concorrência e o reconhecimento das implicações desse tópico no desempenho organizacional e nas decisões são elementos cruciais em qualquer empresa. Este estudo direciona seu foco para bancos, que desempenham um papel crucial no sistema financeiro nacional. O objetivo primordial da pesquisa é avaliar a composição dos custos e despesas das instituições bancárias em análise, explorando as possíveis correlações entre essa estrutura e os indicadores de desempenho, bem como os ganhos potenciais de escala devido ao tamanho. As demonstrações contábeis dos 60 principais bancos do Brasil no período de 2014 a 2020 foram extraídas da base de dados IFT do Banco Central. A análise estatística baseou-se na aplicação de regressão de dados em painel com efeitos fixos. Dentro da amostra examinada, constatou-se que, em média, os custos fixos representaram 83,78% dos custos totais, enquanto os custos variáveis corresponderam a 16,22% do montante total. A ordenação com base no retorno sobre o patrimônio líquido não revelou vantagens claras para os bancos com maior proporção de custos fixos ou aqueles com uma menor incidência desses custos, sugerindo que esse fator não é determinante na rentabilidade bancária. Ademais, não foram identificadas relações significativas entre o tamanho dos bancos e a estrutura dos custos e despesas, indicando que, neste contexto, não se evidenciam benefícios de escala para as instituições maiores. É relevante enfatizar que este estudo possui natureza exploratória, requerendo abordagens mais detalhadas e análises aprofundadas para um entendimento mais robusto do tema.

Palavras-chave: Estrutura de Custo. Custos e Despesas. Bancos.

Área Temática: Custos como ferramenta para o planejamento, controle e apoio a decisões.

1 INTRODUÇÃO

A compreensão da estrutura interna de custos e despesas é fundamental para adquirir uma visão abrangente da posição do banco e coletar informações essenciais para tomar decisões acertadas. Além de ter clareza sobre a própria estrutura, é igualmente relevante ter conhecimento sobre a estrutura dos principais concorrentes. No entanto, é crucial respeitar as normas éticas, pois o acesso a esses dados pode estar restrito. Diversos elementos têm o potencial de influenciar a configuração dos custos e despesas, incluindo curvas de aprendizado, implementação de novas tecnologias, níveis de capacidade utilizada e complexidade operacional, entre outros fatores.

Além de captar a essência da própria estrutura, é essencial entender como ela pode afetar os resultados do banco e identificar o tipo de estrutura que pode contribuir para alcançar os resultados mais positivos possíveis.

Essa área de pesquisa possui utilidade e importância abrangentes em diversos tipos de organizações. O foco deste estudo é direcionado aos bancos, instituições que desempenham papel de relevância no cenário financeiro de um país. O setor bancário assume um papel central no funcionamento econômico de nações. Hordones e Sanvicente (2021) observam que os bancos têm a função de conduzir a política monetária, operar sistemas de pagamento e oferecer uma fonte vital de crédito para famílias, outros bancos e governos, desempenhando um papel crucial na economia. É importante destacar que a concentração bancária no Brasil é notavelmente alta. Segundo uma pesquisa do Dieese (2021), os ativos combinados das cinco maiores instituições bancárias do país alcançaram R\$ 7,9 trilhões em 31 de dezembro de 2020.

Diante desse contexto, algumas questões instigaram o desenvolvimento desta pesquisa. **Como a estrutura de custos e despesas afeta o resultado de empresas do setor bancário? Os maiores bancos possuem vantagens de escala?** Assim, a base desta pesquisa é entender a relação entre a estrutura de custos e despesas e o desempenho de empresas bancárias. Diversos autores, dentre os quais Matos et al. (2022), Corrêa, Paula e Silva (2019) destacam a importância da gestão de custos e de como o estudo acerca da estrutura de custos e despesas pode ter influências consideráveis no desempenho das organizações. Figueiredo e Araújo (2021) defendem que a boa gestão de custos proporciona segurança e suporte na tomada de decisão, com condições e ferramentas para executar as negociações que trazem benefícios para as empresas.

A partir de demonstrações contábeis extraídas da base de dados IFT do Banco Central, utilizando modelagem econométrica, o objetivo principal do trabalho é **estimar a estrutura de custos e despesas dos bancos investigados e buscar evidências de relação entre esta estrutura e aspectos de desempenho ou de ganhos de escala pelo maior tamanho, justificativa muitas vezes utilizada para justificar operações de fusões e aquisições (mergers and acquisitions - M&A).**

Para desenvolver esta pesquisa, na parte 2 deste artigo, é apresentado o embasamento teórico que permeia os assuntos necessários ao desenvolvimento do estudo, quais sejam: custos e despesas fixos e variáveis e estrutura de custos e despesas. Além disso, deve-se entender o percurso metodológico, o processo de desenho da amostra e o tipo de modelo utilizado, descritos na parte 3. A parte 4 traz a discussão dos resultados e, por fim, têm-se as considerações finais na parte 5 e as referências utilizadas.

2 REFERENCIAS TEÓRICAS

2.1 Custos e Despesas: conceito e classificações

Os custos de uma empresa estão relacionados aos gastos realizados para manter as atividades de produção de bens ou serviços. Já as despesas estão relacionadas aos gastos necessários para a realização dos processos administrativos das companhias. Nesse sentido, o somatório de todos os gastos realizados pelas empresas para manter suas atividades em termos do processo de produção ou da administração da companhia, consiste no valor total de custos e despesas que ela possui, e esses possuem comportamentos próprios (Martins & Rocha, 2010; Richartz & Ensslin, 2014).

As decisões sobre custos devem ser realizadas de forma estratégica pelos gestores, tendo em vista que essas decisões estão relacionadas com a lucratividade da empresa e com a maximização do valor para o acionista. Nesse sentido, mostra-se relevante que gestores monitorem as informações referentes aos custos das companhias, acompanhando-os e buscando otimizá-los a fim de manter os resultados da empresa conforme as expectativas (Oliver, 2004; Blocher, Chen, Cokins & Lin, 2007; Martins & Rocha, 2010; Richartz & Ensslin, 2014).

Os custos e despesas de uma empresa podem ser classificados como fixos e variáveis. Sendo assim, os custos variáveis (CV) se referem aos gastos realizados pela empresa, no contexto do processo fabricação dos seus produtos, e que variam de acordo com as alterações no volume de produção ou prestação de serviços, de forma que aumentos na produção estão associados à elevação dos custos variáveis, como exemplo, os custos referentes à utilização de matéria-prima e da mão-de-obra direta (Martins, 2010; Martins & Rocha, 2010).

Por outro lado, os custos fixos (CF), independentemente do volume de produtos produzidos por determinada empresa, eles permanecerão os mesmos, como exemplo, o custo referente ao aluguel das instalações da fábrica. Já em relação às despesas, da mesma forma que os custos, elas também podem ser fixas ou variáveis. Nesse sentido, as despesas variáveis (DV) possuem oscilações conforme o volume de vendas, por exemplo, as despesas com o transporte referente às vendas realizadas ou os impostos que incidem sobre as vendas. E as despesas fixas (DF), independentemente da quantidade produzida, não possuem variação, como o salário dos gestores (Martins, 2010; Martins & Rocha, 2010).

Dessa forma, além da variação ou não de acordo com o nível de produção, os custos e despesas variáveis se diferenciam pelo fato de que os custos variáveis podem ser identificados a partir da unidade dos produtos, enquanto as despesas variáveis, por meio da estrutura da empresa. E ainda, os custos variáveis estão relacionados à tomada de decisões atuais dos gestores, no entanto, as despesas variáveis se relacionam com decisões tomadas anteriormente, de forma que ambas as decisões devem ser priorizadas pelos gestores por estarem relacionadas à lucratividade (Guerreiro, 2006; Martins, 2010).

E os custos e despesas também possuem relação a assimetria. De acordo com Anderson, Banker e Janakiraman (2003), por exemplo, no contexto da teoria Sticky Costs, para aumentos nas vendas, as despesas administrativas, as gerais, tendem a aumentar. No entanto, destacam que quando as vendas diminuem, a redução das despesas citadas tende a ocorrer em uma menor intensidade, e assim, indicando assimetria nas variações. Medeiros, Costa e Silva, no contexto brasileiro, constataram que o modelo de assimetria dos custos se aplica parcialmente nesse país, resultado que posteriormente foi confirmado por Richartz e Borgert (2014), também quanto ao Brasil e por Costa, Marques, Santos e Lima (2013) no contexto da América Latina.

E ainda, Richartz, Borgert e Lunkes (2014), quanto as empresas de capital aberto, investigaram a relação dos gastos com mão de obra e dos custos fixos com assimetria do total de custos das empresas brasileiras. Segundo os autores, aumentos na receita líquida de vendas tendem a aumentar os custos totais das empresas. Além disso, apontam que gastos com mão de obra não apresenta relação com a assimetria dos custos totais para as empresas que possuem maiores níveis desse tipo de gasto. No entanto, destacam que os custos totais, para as empresas com menores níveis de gastos com mão de obra, tendem a apresentar uma maior variabilidade do total de custos da firma. Também indicam que as empresas que possuem uma maior proporção de custos fixos em relação ao custo total da empresa, tendem a apresentar

uma maior assimetria dos custos, no caso das empresas com maiores níveis de mão de obra.

2.2 Estudos de custos e despesas em bancos

Apesar da escassez de literatura neste tema para o setor bancário, alguns autores estudaram aspectos da relação de custos e despesas e desempenho do setor bancário.

Dentre eles, Cerasia & Daltung, 2000, identificaram que há indícios de que os bancos financiados por capital próprio e que buscam diversificação tendem a ver seus custos de monitoramento aumentarem. Estes custos, por sua vez, crescem proporcionalmente ao tamanho do banco, restringindo, assim, o tamanho mais adequado para a instituição. Além disso, a especialização mais acentuada das empresas nesse setor está correlacionada com a diminuição dos custos de monitoramento, graças aos benefícios de eficiência.

Em um estudo que analisa se grandes bancos possuem custos menores, Wheelock & Wilson, 2012, encontraram benefícios por ganhos de escala em bancos americanos nos últimos anos da amostra do estudo, indicando que esta poderia ser uma tendência que explicaria o crescimento do tamanho médio dos bancos que só poderia ser interrompida por uma intervenção governamental.

Há também estudos que analisam um aspecto específico de custos, como o trabalho de Freitas & Kirsh, 2019, que investigaram gastos e investimentos em Tecnologia da Informação e encontraram uma relação positiva e significativa com variáveis de rentabilidade e relação negativa com despesas administrativas, indicando que estes gastos podem representar redução de custos e aumento de rentabilidade.

2.3 Desempenho econômico-financeiro e estrutura de custos e despesas

Além da relevância apresentada de os gestores analisarem o comportamento dos custos e despesas (Martins & Rocha, 2010; Richartz & Ensslin, 2014), também é importante se considerar a sua estrutura, que apresenta um desafio para os gestores. Sendo assim, entende-se que estrutura de custos e despesas de uma companhia é a proporção de CV e CF em relação aos custos totais (CT). Com isso, cabe aos gestores determinar a combinação dos tipos de custos, tendo em vista que essa estrutura também está relacionada ao risco operacional da companhia e com os seus resultados (Horngren, Sundem & Stratton, 2004; Guerra, Rocha & Corrar, 2007; Martins & Rocha, 2010).

Além disso, a definição da estrutura de custos e despesas também possui relação com a definição do preço de venda e assim influenciando o volume de receitas da companhia, de acordo com o perfil do seu público-alvo. Ademais, maiores proporções de custos fixos na estrutura estão associadas a um maior grau de alavancagem operacional, já um maior volume de custos variáveis, tende a diminuí-lo, de forma que a alavancagem operacional reflete de que forma os custos fixos afetam os resultados da empresa, considerando a margem de contribuição (MC) e volume de vendas da empresa (Horngren et al., 2004; Horngren, Datar & Foster, 2004; Martins, 2010).

Já em relação ao desempenho econômico-financeiro, consiste em indicadores, baseados em informações contábeis, o que permite a análise do desempenho da companhia por gestores, investidores ou demais partes interessadas. Nesse sentido, diversos indicadores são utilizados pela literatura a fim de avaliar o desempenho econômico-financeiro das empresas, como Margem Operacional, calculada pelo lucro

operacional sobre a receita operacional, o Retorno sobre o Ativo, calculado pela razão entre o lucro líquido e o ativo total e o Retorno sobre o Patrimônio líquido, calculado pelo lucro líquido sobre o patrimônio líquido (Matarazzo, 2010; Pinheiro, 2016).

Assim, selecionou-se, para esta pesquisa, o Retorno sobre o Patrimônio Líquido ou *Return on Equity* (ROE) como variável *proxy* para o desempenho econômico-financeiro, uma vez que os bancos enfatizam o ROE como meta de desempenho, conforme destacam Pennacchi e Santos (2021). Essa escolha também está embasada nos estudos de Salim e Yadav (2012) e Abdallah e Bahloul (2021), uma vez que o índice indica a rentabilidade obtida pelos bancos em relação ao patrimônio líquido.

O ROE pode ser obtido a partir da seguinte fórmula apresentada na expressão (1):

$$\text{Return on Equity (ROE)} = \frac{\text{Lucro líquido}}{\text{Patrimônio líquido}} \quad (1)$$

3 METODOLOGIA

A amostra utilizada neste estudo foi composta por bancos brasileiros, sendo que os dados econômico-financeiros utilizados foram coletados no site do Banco Central do Brasil, diretamente na Base IF.Data. O período de análise consistiu nos anos de 2014 a 2020. No momento da coleta dos dados, o ano de 2021 ainda não estava disponível e 2014, primeiro ano, pela mudança de formato da base de dados do Banco Central. O universo do estudo foi composto pelos 60 maiores bancos com um total de 300 observações. Destes alguns apresentaram valores nulos em alguma das variáveis necessárias e a amostra real ficou com 58 bancos e 296 observações.

A metodologia desse trabalho foi baseada nos estudos de Souza, Rocha e Souza (2010) que estudaram empresas do setor de energia elétrica que estimaram a estrutura de custos e despesas em termos de fixos e variáveis para verificar sua relação com o desempenho. A referência de um trabalho de um setor não bancário se dá pela falta de uma metodologia específica. Este setor é altamente regulado, o que aponta para estruturas de custos fixos menos flexíveis segundo a teoria dos *Sticky Costs*. Utilizou-se a abordagem clássica de que os custos variáveis são uma função das receitas enquanto os custos fixos são função da sua estrutura. Em um ambiente competitivo, pois existem dezenas de bancos, pode-se inferir que existe uma busca constante por uma estrutura de custos de máxima eficiência. Selecionou-se a maior quantidade possível de bancos com dados disponíveis, sem distinção, e os *outliers* não foram excluídos.

Considerou-se como Custos e Despesas Totais (*CDT*) dos bancos a soma das despesas administrativas, despesas com folha de pagamentos e outras despesas operacionais. Os custos financeiros de captação de dinheiro não foram considerados. Essas variáveis representam os custos e despesas operacionais constantes nos demonstrativos de resultados dos bancos. Essa será a variável dependente do modelo.

As variáveis explicativas foram: a receita líquida total (*RTotal*), como proxy do volume de atividades e o ativo imobilizado (*Imobi*), representando a participação dos custos e despesas fixas no custo e despesa total, visto que está relacionado com a estrutura do banco e não varia conforme a quantidade de negócios (SOUZA, 2010).

Por se tratar de valores absolutos e que não possuem distribuição normal, utilizou-se o logaritmo neperiano das variáveis consideradas no modelo no intuito de linearizar e normalizar os valores (SHANK; GOVINDARAJAN, 1993).

O método estatístico utilizado foi a análise de dados em painel, sendo realizados os testes de *Variance Inflation Fator* (VIF), o qual constatou que o modelo não apresenta problemas de multicolinearidade e o de *Wooldridge* que não indicou a presença de autocorrelação (STOCK; WATSON, 2004). Para evitar problemas de heterocedasticidade foi aplicada a correção de White.

Em uma primeira simulação, a variável representando o ativo imobilizado não apresentou significância estatística, decidiu-se por excluir essa variável e rodar novamente o modelo.

A função custo será representada pela equação $CDT_{it} = \beta_0 + \beta_1 RTotal_{it} + \beta_2 F_i + \varepsilon$, onde CDT é o custo e despesa total, β_0 é o intercepto, $\beta_1 RTotal_{it}$ é o efeito estimado da variável Receita Líquida, $\beta_2 F_i$ é o efeito não observado que varia entre as entidades mas é constante para a mesma entidade ao longo do tempo e representa a especificidade deste indivíduo. ε representa o termo de erro. Esse modelo, conhecido como Efeitos Fixos possui um intercepto para cada entidade representado pela soma de β_0 e $\beta_2 F_i$. i e t representam o indivíduo e o tempo respectivamente.

Dessa forma, a parcela dos custos e despesas fixas (CDF) foi calculada pelo intercepto individual do modelo, representado pela soma do geral com o individual de cada banco. E o custo e despesa variável (CDV) foi calculado pela variação da receita líquida. A título de demonstração do método, parte dos resultados da regressão estão demonstrados na tabela 1.

Em seguida calculou-se o percentual de custos e despesas fixas de cada banco, utilizando-se o intercepto individual e o coeficiente angular. O valor estimado foi calculado utilizando a equação de regressão. Na tabela 2, segue exemplo do Banco Safra.

Conforme mencionado, o CDF é representado pelo intercepto do modelo (geral + individual) e o CDV é a diferença do CDT menos o CDF. O percentual de cada um é calculado pela divisão de ambos pelo CDT. No exemplo do Banco Safra, os custos fixos médios foram estimados em 84,19% e os custos variáveis médios em 15,81%, e a soma dos dois totaliza em 100% que são os Custos Totais.

Dessa forma, foi gerada uma tabela para cada banco e para todos os anos considerados na análise para se estimar a estrutura média de custos e despesas, fixos e variáveis. A soma de todos os percentuais dividido pelo número de anos é o Custo Fixo Médio e Custo Variável Médio do banco, respectivamente, conforme pode ser observado na tabela 3. Salienta-se que alguns bancos não apresentaram dados para todos os anos, o que não impacta o cálculo da média que considerou a quantidade de anos ativos para cada um. A média de custos fixos de todos os bancos foi de 83,78% e dos custos variáveis foi de 16,22%.

Tabela 1

Resultados da Regressão do Modelo de Efeitos Fixos.

Variável Dependente: CDT	
Variável independente	Coefficientes (teste t)
RTotal	0.1443* (1.97)
Bradesco	0.0000 (.)
Itau	-0.0062 (-0.53)
Safra	-1.9380*** (-13.48)
JP Morgan Chase	-3.0903*** (-11.48)
Mercantil do Brasil	-3.0652*** (-11.15)
Banestes	-3.5629*** (-12.31)
Banrisul	-2.0747*** (-11.31)
BMG	-2.8158*** (-11.74)
Santander	-0.6600*** (-21.29)
Citibank	-2.3716*** (-11.14)
Credit Suisse	-2.8397*** (-11.36)
Paraná Banco	-4.3016*** (-12.60)
Banco Pan	-2.2988*** (-11.04)
Societe Generale	-4.3888*** (-14.82)
BRB	-2.8757*** (-10.36)
CCB	-4.0808*** (-14.75)
ABC Brasil	-4.2123*** (-15.57)
Banco do Brasil	-0.0355*** (-2.80)
BTG Pactual	-2.3552*** (-12.74)
...(retirados alguns resultados para redução da tabela)	
Banco Regional de Desenv.	-4.3968*** (-13.51)
Constante	14.1617*** (10.80)
Bancos	58
Observações	296
r ² ajustado	0.9847
LI	65.2816

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: Variáveis: CTD: logaritmo da despesa e custo total; e RTotal: logaritmo da receita líquida total. As demais variáveis representam dummies para cada um dos bancos e representam o intercepto individual de cada. Todos os bancos da amostra apresentaram intercepto individual com significância estatística a 0,01, exceto o Banco Itau. * p<0.1, ** p<0.05, *** p<0.01.

Tabela 2

Exemplo do cálculo de custos e despesas fixos e variáveis do banco Safra.

ANO	RTOTAL	INTER. IND	C.A. RECEITA	CDT	CDF	CDV	CDF (%)	CDV (%)
2014	15.809	12.224	0.14429	14.505	12.224	2.281	84.27%	15.73%
2015	16.093	12.224	0.14429	14.546	12.224	2.322	84.04%	15.96%
2016	16.109	12.224	0.14429	14.548	12.224	2.325	84.02%	15.98%
2017	15.888	12.224	0.14429	14.516	12.224	2.292	84.21%	15.79%
2018	15.910	12.224	0.14429	14.519	12.224	2.295	84.19%	15.81%
2019	15.919	12.224	0.14429	14.521	12.224	2.297	84.18%	15.82%
2020	15.623	12.224	0.14429	14.478	12.224	2.254	84.43%	15.57%
Média							84.19%	15.81%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: Variáveis: RTotal: logaritmo da receita líquida total. INTER. IND: Intercepto individual, representa o intercepto da equação mais o intercepto individual. No caso do Banco Safra = 14.1617 – 1.9380. C.A.Receita é o coeficiente angular da receita da equação. CDT é o valor estimado dos Custos e

Despesas Totais de acordo com a equação. CDF é o custo e despesa fixa cujo valor é o intercepto individual. CDV é o custo e despesa variável que é calculado pela multiplicação do coeficiente angular pela receita total para cada ano. CDF(%) e CDV(%) representam o percentual de cada em relação ao total de CDT. Média representa a média aritmética de todos os anos para CDF(%) e CDV(%).

Tabela 3

Custos fixos e variáveis médios para cada banco.

Nome	CDF (%)	CDV (%)	Nome	CDF (%)	CDV (%)
BANCO IBM	79.63%	20.37%	BRABESCO	84.60%	15.40%
ING	80.34%	19.66%	MORGAN STANLEY	84.60%	15.40%
BANCO SUMITOMO	81.63%	18.37%	BRB	84.74%	15.26%
BNDES	81.66%	18.34%	ORIGINAL	84.79%	15.21%
BANCO TOYOTA	82.68%	17.33%	HSBC	84.84%	15.16%
BANCO RABOBANK	82.70%	17.30%	BANCO DA AMAZONIA	84.97%	15.03%
CREDIT AGRICOLE	82.75%	17.25%	CIELO	84.98%	15.03%
HAITONG	82.82%	17.19%	BANCO DO NORDESTE	85.03%	14.97%
BANCO VOLKSWAGEN	82.85%	17.15%	INTER	85.45%	14.55%
BANCOOB	82.88%	17.12%	XP	86.24%	13.76%
Média de todos os bancos				83,78%	16,22%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: Esta tabela apresenta dados de 20 dos 58 bancos devido à limitação de espaço no artigo. Assim, selecionou-se os 10 bancos com maiores CDF(%) e os 10 bancos com menores CDF(%) para melhor entendimento do leitor.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise descritiva preliminar, apresentada na tabela 4, mostra uma seleção dos 10 bancos com maiores custos e despesas fixas (CDFs) e dos 10 bancos com os menores CDFs. O objetivo desta tabela consiste em verificar se nos extremos podemos encontrar se os 5 maiores bancos brasileiros estão incluídos nos extremos, identificando assim um padrão de estrutura ótimo que seria utilizado por estas entidades que concentram praticamente 90% de todos os ativos do mercado financeiro brasileiro. De acordo com a hipótese do artigo de que grandes bancos poderiam se beneficiar de estruturas mais eficientes, o esperado seria encontrar os 5 maiores bancos entre os 10 bancos com menores Custos e Despesas Fixas.

Inicialmente, pode-se observar que os bancos do grupo com menores custos fixos apresentam média de aproximadamente 82% e ROE de 5,35%, enquanto os bancos do grupo com maiores custos fixos têm média de 85% e ROE, em média, 6%. Os valores são muito próximos, mas em termos de bancos, onde os valores são de ordem de valor muito elevados, podem ser muito representativos em termos absolutos. A princípio estes resultados podem indicar uma correlação entre maiores custos fixos e maior retorno, contrário à hipótese básica deste artigo. E contra os resultados encontrados por Wheelock & Wilson, 2012 para o mercado bancário americano. Em uma análise adicional, calculou-se as médias ponderadas dos Custos Fixos e do ROE utilizando como peso o tamanho do ativo de cada banco. Neste cálculo, o grupo com menores custos fixos apresentou 82% (o mesmo resultado) com 5,47% de ROE (Ante a 5,35% sem ponderação). O grupo com maiores custos fixos com 85,02% (o mesmo) e 6,10% de ROE (Ante a 6,08%). Portanto o ajuste pelo

tamanho dos bancos não resulta em praticamente nenhuma mudança no resultado encontrado.

Dentre os maiores bancos pesquisados, apenas o Bradesco, na posição 50, encontra-se na lista que possui como líderes nos extremos o Banco IBM, com os menores custos fixos, e a XP, com o maior percentual de custos fixos em relação ao total de custos. Portanto, a princípio, não há evidência de que estar nos extremos possa ser positivo ou negativo, visto que os bancos “vencedores” não estão agrupados nestas posições.

Tabela 4

Bancos em ordem de Custos e Despesas Fixas.

#	Nome	CDF (%)	CDV (%)	ROE
1	BANCO IBM	79.63%	20.37%	1.62%
2	ING	80.34%	19.66%	5.46%
3	BANCO SUMITOMO MITSUI	81.63%	18.37%	8.51%
4	BNDES	81.66%	18.34%	8.88%
5	BANCO TOYOTA DO BRASIL	82.68%	17.33%	7.07%
6	BANCO RABOBANK INTERNATIONAL	82.70%	17.30%	5.90%
7	CREDIT AGRICOLE	82.75%	17.25%	2.67%
8	HAITONG	82.82%	17.19%	-1.01%
9	BANCO VOLKSWAGEN	82.85%	17.15%	9.73%
10	BANCOOB	82.88%	17.12%	4.71%
MÉDIA GRUPO BAIXO CDF		81.99%	18.01%	5.35%
50	BRADESCO	84.60%	15.40%	7.83%
51	MORGAN STANLEY	84.60%	15.40%	7.13%
52	BRB	84.74%	15.26%	10.15%
53	ORIGINAL	84.79%	15.21%	0.46%
54	HSBC	84.84%	15.16%	-6.85%
55	BANCO DA AMAZONIA	84.97%	15.03%	6.08%
56	CIELO	84.98%	15.03%	17.97%
57	BANCO DO NORDESTE DO BRASIL	85.03%	14.97%	12.12%
58	INTER	85.45%	14.55%	0.07%
59	XP	86.24%	13.76%	5.80%
MÉDIA GRUPO ALTO CDF		85.02%	14.98%	6.08%

Fonte: Dados da pesquisa

Outro aspecto relevante, de ordem descritiva, é a tendência de aumento da proporção dos custos fixos em relação aos custos totais dos bancos brasileiros. A Figura 1 apresenta a média aritmética anual dos bancos da amostra e pode-se observar claramente uma tendência de aumento com o passar dos anos.

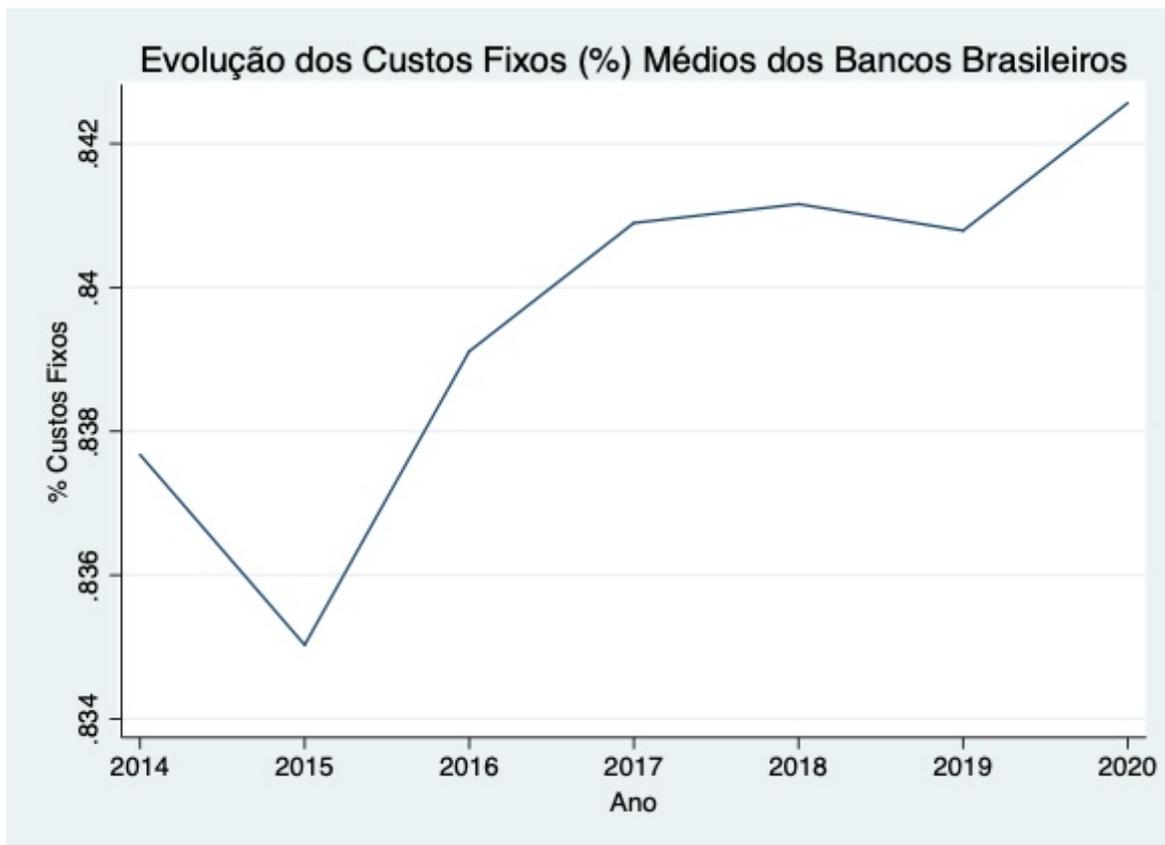


Figura 1. Evolução dos Custos Fixos em % anualmente.

Fonte: Dados da pesquisa.

Uma vez que o objetivo deste trabalho consiste em responder às duas questões de pesquisa: (a) se a estrutura de custos e despesas afeta o resultado do Banco e (b) se os maiores bancos possuem vantagens de escala em relação aos menores, procedeu-se uma análise dos Custos e Despesas Fixos (CDFs) em relação ao ROE (Retorno sobre o Patrimônio Líquido) e uma análise dos CDFs em relação ao tamanho dos bancos (medido pelo seu Ativo Total). A Tabela 5 apresenta a lista dos 10 bancos com maiores ROE e dos 10 bancos com menores ROE com as respectivas estruturas de Custos e Despesas Fixos e Variáveis.

O grupo dos bancos com maior ROE possui média de 12,84% e custo fixo médio de 84,3%, enquanto o grupo de bancos com o menor ROE apresenta média de -4,17% e custos fixos de 83,8%. A diferença muito pequena entre as estruturas de CDF's nos faz rejeitar a hipótese de que a estrutura de custos afeta ou determina o resultado. Não foram encontradas evidências de uma relação entre o ROE do banco e sua estrutura de custos fixos. Outro aspecto importante é que, dentre os maiores e menores ROE, apenas a Caixa Econômica Federal foi classificada entre os 10 melhores do sistema financeiro nacional.

Tabela 5

Listagem dos Bancos agrupados em Ordem de ROE

#	Nome do Banco	CDF (%)	CDV (%)	ROE
1	CIELO	84.98%	15.03%	17.97%
2	BANCO DO ESTADO DO PARÁ	84.58%	15.42%	17.36%
3	PORTO SEGURO	84.11%	15.89%	15.33%
4	CAIXA ECONOMICA FEDERAL	84.42%	15.58%	13.91%
5	BANCO DO NORDESTE DO BRASIL	85.03%	14.97%	12.12%
6	DAYCOVAL	83.79%	16.21%	11.30%
7	BANCO CSF	84.57%	15.43%	10.85%
8	BRB	84.74%	15.26%	10.15%
9	BANCO VOLKSWAGEN	82.85%	17.15%	9.73%
10	BTG PACTUAL	84.21%	15.79%	9.70%
MÉDIA GRUPO ALTO ROE		84.33%	15.67%	12.84%
50	BANCO HSBC	83.55%	16.45%	1.59%
51	PINE	82.95%	17.05%	0.78%
52	ORIGINAL	84.79%	15.21%	0.46%
53	INTER	85.45%	14.55%	0.07%
54	SOCIETE GENERALE	83.05%	16.95%	-0.43%
55	HAITONG	82.82%	17.19%	-1.01%
56	BANCO FIBRA	83.76%	16.25%	-5.86%
57	HSBC	84.84%	15.16%	-6.85%
58	BDMG	83.21%	16.79%	-8.67%
59	CCB	83.21%	16.79%	-21.73%
MÉDIA GRUPO BAIXO ROE		83.76%	16.24%	-4.17%

Fonte: Dados da pesquisa

Para responder à questão da busca por eficiência e ganhos de escala na estrutura de custos dos maiores bancos brasileiros, a Tabela 6 apresenta os dados classificados em ordem de tamanho dos bancos.

O grupo dos maiores bancos possui um custo fixo maior 84,1% e um ROE também maior, de 6,98%, enquanto os bancos do grupo dos menores possuem custos fixos de 82,98% e ROE menor de 4,4%. Portanto, não foram encontradas evidências de que os grandes bancos possuam ganhos de escala em suas estruturas de custos que criem uma vantagem competitiva. Ao contrário, os seus custos são proporcionalmente maiores, e mesmo assim possuem ROE superior. Isso pode ser um aspecto a ser investigado em outros trabalhos: bancos possuem uma parcela maior de custos fixos em relação aos variáveis devido aos seus enormes níveis de atividades. Dentre o grupo dos maiores bancos brasileiros, o Banco BNDES, o maior banco de investimentos e fomento do país, destoa em seus níveis de custos fixos de 81,66% enquanto os demais 9 bancos do grupo apresentam custos fixos ao redor de 84%. Esta diferença se dá pela forma de atuação deste banco que não atua no setor de varejo e não possui correntistas, atuando somente como banco de investimentos e utilizando a estrutura de outros bancos para acessar seus clientes.

Tabela 6

Listagem dos Bancos agrupados em Ordem de Tamanho

#	Nome	CDF (%)	CDV (%)	ROE	Tamanho
1	BB	84.44%	15.56%	7.16%	21.08
2	ITAU	84.48%	15.52%	8.52%	21.08
3	CAIXA ECONOMICA FEDERAL	84.42%	15.58%	13.91%	20.95
4	BRADESCO	84.60%	15.40%	7.83%	20.79
5	BNDES	81.66%	18.34%	8.88%	20.55
6	SANTANDER	84.29%	15.71%	6.93%	20.43
7	BTG PACTUAL	84.21%	15.79%	9.70%	19.01
8	HSBC	84.84%	15.16%	-6.85%	18.96
9	SAFRA	84.19%	15.81%	9.34%	18.90
10	VOTORANTIM	83.88%	16.12%	4.34%	18.45
MÉDIA GRUPO MAIOR TAMANHO		84.10%	15.90%	6.98%	20.02
50	HAITONG	82.82%	17.19%	-1.01%	15.81
51	BANCO FIBRA	83.76%	16.25%	-5.86%	15.79
52	BDMG	83.21%	16.79%	-8.67%	15.75
53	BANCO IBM	79.63%	20.37%	1.62%	15.71
54	BANCO DO ESTADO DO PARÁ	84.58%	15.42%	17.36%	15.68
55	BANCO SUMITOMO MITSUI	81.63%	18.37%	8.51%	15.60
56	BANCO TOYOTA DO BRASIL	82.68%	17.33%	7.07%	15.58
57	PORTO SEGURO	84.11%	15.89%	15.33%	15.56
58	PARANÁ BANCO	83.80%	16.20%	5.14%	15.55
59	BANCO DE LAGE LANDEN BRASIL	83.62%	16.38%	4.54%	15.55
MÉDIA GRUPO MENOR TAMANHO		82.98%	17.02%	4.40%	15.66

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A variável Tamanho se encontra em escala logarítmica.

5 CONCLUSÃO

O objetivo principal deste trabalho é estimar a estrutura de custos e despesas dos bancos investigados e buscar evidências de relação entre essa estrutura e aspectos de desempenho ou de ganhos de eficiência ou escala pelo maior tamanho, argumento muitas vezes utilizado para justificar operações de M&A.

A amostra do estudo foi coletada diretamente no site do Banco Central do Brasil, incluindo os 60 maiores bancos brasileiros durante o período de 2014 a 2020. Como metodologia, utilizou-se a regressão de dados em painel com efeitos fixos, com o objetivo de identificar a proporção dos custos fixos e dos custos variáveis em cada um dos bancos

Os resultados encontrados mostram que, considerando os bancos da amostra pesquisada, a média de custos fixos correspondeu a 83,78% dos custos totais, enquanto os custos variáveis representaram 16,22% do total. Os bancos com a maior e a menor proporção de custos fixos em relação aos custos totais apresentaram percentuais de 86,24% e 79,63%, respectivamente, indicando uma diferença de 12,5% entre o maior e o menor valor.

Quando ordenados pelo ROE, do maior para o menor, não se identificou uma vantagem nem para os bancos com maior custo fixo proporcionalmente ao total, nem para aqueles com menor proporção de custos fixos, indicando que esse não seja um fator determinante para a rentabilidade de bancos da amostra. A diferença de ROE entre os grupos com maior e menor valor do indicador foi de 17%, enquanto a diferença dos custos fixos entre os grupos foi de apenas 0,57%, valor considerado muito baixo para fomentar uma verificação mais robusta, como um teste de diferenças ou uma regressão.

A investigação da relação entre o tamanho dos bancos e os benefícios na proporção dos custos totais também não se confirmou. Enquanto o valor dos ativos totais dos bancos maiores é centenas de vezes superior ao valor dos menores bancos, as estruturas de custos fixos entre os dois grupos foram de 84,1% para os grandes bancos e 82,98% para os pequenos. Se houvesse uma vantagem de escala, seria esperado um valor inferior para os bancos de maior tamanho quando comparados com os menores. Portanto, não há evidências de ganhos de escala na proporção de custos fixos e variáveis para os grandes bancos brasileiros da amostra.

Como limitações deste trabalho, pode-se destacar a falta de teorias consolidadas sobre um modelo para determinar a proporção dos custos fixos em bancos e sobre quais seriam as variáveis de controle mais adequadas para o estudo. Vale notar também que os bancos foram agrupados sem distinção de suas finalidades, como os bancos de fomento e empresas notadamente de investimentos e meios de pagamentos, como por exemplo a XP e a Cielo.

Sugere-se que trabalhos complementares possam ser conduzidos no intuito de verificar a existência de um comportamento assimétrico dos custos fixos em momentos de aumento ou redução de receitas.

REFERÊNCIAS

- Abdallah, M. B., & Bahloul, S. (2021). Disclosure, Shariah governance and financial performance in Islamic banks. *Asian Journal of Economics and Banking*, 5(3), 234-254.
- Anderson, M. C., Banker, R. D., & Janakiraman, S. N. (2003). Are selling, general, and administrative costs “sticky”? *Journal of accounting research*, 41(1), 47-63.
- Blocher, E. J., Chen, K. H., Cokins, G., & Lin, T. W. (2007). *Gestão estratégica de custos*(3ªed). São Paulo: McGraw-Hill.
- Cerasi, V., & Daltung, S. (2000). The optimal size of a bank: Costs and benefits of diversification. *European Economic Review*, 44(9), 1701-1726.
- Corrêa, V. L. L., Paula, S. C. N., & Silva, A. (2019). A Contabilidade de Custos e seu destaque na gestão. *Revista Eletrônica Organizações e Sociedade*, 8(9), 125-139.
- Costa, P. S., Marques, A. V. C., Santos, C. K. S., & Lima, F. D. C. (2013). Análise do comportamento assimétrico dos custos nas companhias abertas dos países da América latina. *Anais do Congresso Brasileiro de Custos-ABC*, Uberlândia, MG, Brasil, 20.

- Dieese. (2021). *Desempenho dos Bancos em 2020*. São Paulo.
- Figueiredo, F. S., & Araújo, A. C. M. (2021). A estrutura de custos em uma indústria frigorífica de bovinos localizada na cidade de Castanhal-Pará. *Brazilian Journal of Development*, 7(11), 102831-102849.
- Freitas, O. D., & Kirch, G. (2019). Performance dos bancos brasileiros no context de digitalização. *Revista brasileira de Finanças (online)*, 17(2), 38-55.
- Guerra, A. R., Rocha, W., & Corrar, L. J. (2007). Análise do impacto das variações de receitas nos lucros das empresas com diferentes estruturas de custos. *Revista de Administração-RAUSP*, 42(2), 227-238.
- Guerreiro, R. (2006). *Gestão do Lucro*. São Paulo: Atlas.
- Hordones, C., & Sanvicente, A. Z. (2021). Estrutura, poder de mercado e rentabilidade: evidências do setor bancário na América Latina. *Revista Contabilidade & Finanças – USP*, 32(85), 126-142.
- Hornigren, C. T., Datar, S. M., & Foster, G. (2004). *Contabilidade de custos: uma abordagem gerencial*. São Paulo: Pearson.
- Hornigren, C. T., Sundem, G. L., & Stratton, W. (2004). *Contabilidade Gerencial*. São Paulo: Prentice-Hall
- Martins, E. (2010). *Contabilidade de custos* (10ªed.). São Paulo: Atlas.
- Martins, E., & Rocha, W. (2010). *Métodos de custeio comparados: custos e margens analisados sob diferentes perspectivas*. São Paulo: Atlas.
- Matarazzo, D. C. (2010). *Análise Financeira de Balanços*(7ªed.). São Paulo: Atlas.
- Matos, C. L. da S., Lopes, M. C de A., Carneiro, E. S., & Silva, A. C. da. (2022). A importância da gestão de custos para as cooperativas da agricultura familiar. *Cadernos Macambira*, 7(especial).
- Oliver, L. (2004). *Designing strategic cost systems: how to unleash the power of cost information*. New Jersey: John Wiley & Sons Inc.
- Pennacchi, G. G., & Santos, J. A. (2021). Por que os bancos visam o ROE?. *Journal of Financial Stability*, 54(1), 1-19.
- Pinheiro, J. L. (2016). *Mercado de capitais*(8ªed.). São Paulo: Atlas.
- Richartz, F., & Borgert, A. (2014). O comportamento dos custos das empresas brasileiras listadas na BM&FBOVESPA entre 1994 e 2011 com ênfase nos sticky costs. *Contaduría y administración*, 59(4), 39-70.
- Richartz, F., Borgert, A., & Lunkes, R. J. (2014). Comportamento assimétrico dos custos nas empresas brasileiras listadas na BM&FBovespa. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 339-361.

- Salim, M., & Yadav, R. (2012). Capital structure and firm performance: Evidence from Malaysian listed companies. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 65(1), 156-166.
- Shank, J. K., & Govindarajan, V. (1993). *Strategic Cost Management – The new tool for competitive advantage*. New York: The Free Press.
- Souza, B.C., Rocha W., & Souza, P. S. (2010). Desempenho econômico superior: um estudo sobre a estrutura de custos e despesas do setor de energia elétrica. *Anais do Congresso Brasileiro de Custos*, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Stock, J. H., & Watson, M. W. (2004). *Econometria*. São Paulo, Pearson.
- Wheelock, D. C., & Wilson, P. W. (2012). Do large banks have lower costs? New estimates of returns to scale for U.S. banks. *Journal of Money, Credit and Banking*, 44(1), 171-199.